

# Espiritualidade na vertigem do tempo

*Roberto E. Zwetsch*

## Resumo

---

Espiritualidade é a vivência da fé cristã sob a ação do Espírito Santo. Ela abarca a vida integral da pessoa cristã. Essa vivência diz respeito a uma experiência radical de gratuidade e de seguimento do evangelho de Jesus de Nazaré. Neste artigo o autor ensaia um caminho pouco comum para refletir sobre o tema da espiritualidade: o da poesia. Na sua

opinião, não há linguagem mais profunda e inspiradora do que a linguagem poética. Não por acaso, a Bíblia está cheia dela. Ao longo do texto, comenta poesias de diversos autores cristãos, mostrando como nesses textos transparece uma percepção aguda da realidade humana e, nela, a experiência do sagrado.

## Resumen

---

Espiritualidad es la vivencia de la fe cristiana sob la acción del Espíritu Santo. Ella abarca la vida integral de la persona cristiana. Esta vivencia dice respecto a una experiencia radical de gratuidad y de seguimiento del evangelio de Jesús de Nazaret. En este artículo el autor ensaya un camino poco común para reflexionar sobre el tema de la

espiritualidad, el de la poesía. En su opinión, no hay lenguaje más profundo e inspirador que el lenguaje poético. No es por acaso, que la Biblia está llena de él. A lo largo del texto, comenta poesías de diversos autores cristianos mostrando como en estos textos se trasluce una percepción aguda de la realidad humana y, en ella, la experiencia de lo sagrado.

## Abstract

---

Spirituality is the living out of the Christian faith under the action of the Holy Spirit. It comprehends the whole of Christian life. That living out has to do with a radical experience of gratuitousness and discipleship of the gospel of Jesus of Nazareth. In this article the author attempts an uncommon reflection on the topic of spirituality by

using poetry. In his opinion, there is no language that is more profound and inspiring than the language of poetry. It is not by chance that the Bible is full of it. He comments on poems by several Christian authors, showing that in these texts we have a sharp insight into human reality and, within it, the experience of the sacred.

“Cristianismo sem crise é um cristianismo domesticado, como aliás querem todos os poderes da terra”. (*Zero Hora*, 23/01/2000, p. 22.)

## Introdução

A caminhada do povo de Deus e a teologia que vem sendo formulada no Brasil e na América Latina há pelo menos três décadas não podem ser entendidas sem considerarmos a espiritualidade que brota da fé em Jesus Cristo. O tema é tão oportuno e importante que há uma vasta bibliografia já publicada, tanto na forma de livros como de artigos<sup>1</sup>.

Este trabalho foi apresentado inicialmente como Aula Inaugural na abertura do 1º semestre letivo de 2000 na Sociedade Educacional Três de Maio, na cidade de Três de Maio, RS, no dia 21/02/2000. Mais de 300 estudantes e docentes estiveram presentes ao ginásio de esportes, onde proferi a palestra. São pessoas que estudam nos três cursos de graduação que a instituição oferece: Pedagogia, Administração e Ciências da Computação. É digno de nota que o tema foi escolhido em comum acordo com a direção da escola<sup>2</sup>.

Como motivação apresentei, antes do texto, quatro transparências feitas a partir de fotos do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, hoje mundialmente conhecido, e que desenvolve um projeto sobre As Migrações no Mundo, a partir do qual montou uma super-exposição com 500 fotos, que, neste ano, será apresentada em diversas cidades do mundo: São Paulo, Tóquio, Nova Iorque, Paris e outras. Nelas aparecem a face de uma pessoa idosa do Nordeste brasileiro, os pés de trabalhadores rurais, um círculo de uma comunidade de base cristã abençoando o pão a ser repartido e uma menina de um acampamento de sem-terras, que aprende a escrever.

Constava ainda a audição do canto *Resistência*, da autoria do Pastor Ms. Rodolfo Gaede Neto, que por motivos técnicos não pôde ser escutado. Na poesia desse canto o autor apresenta um exemplo da nova espiritualidade que

---

<sup>1</sup> Cf. entre outros: Gustavo GUTIÉRREZ, *Beber no próprio poço* : itinerário espiritual de um povo, trad. Hugo Pedro Boff, Petrópolis : Vozes, 1984. Pedro CASALDÁLIGA e José Maria VIGIL, *Espiritualidade da libertação*, trad. Jaime A. Clasen, São Paulo : Vozes, 1993 (Teologia e Libertação, IX). Leonardo BOFF, *Ecologia, mundialização, espiritualidade* : a emergência de um novo paradigma, São Paulo : Ática, 1993 (Religião e Sociedade). Leonardo BOFF, Frei BETTO, *Mística e espiritualidade*, Rio de Janeiro : Rocco, 1994. Roberto E. ZWETSCH, *Espiritualidade e antropologia* : um diálogo com Leonardo Boff, *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 38, n. 2, p. 141-155, 1998. Sobre espiritualidade na formação teológica: Jaci MARASCHIN (Ed.), *Que é formação espiritual?*, São Paulo/São Bernardo do Campo : ASTE/PEPGCR, 1990.

<sup>2</sup> Agradeço particularmente à simpática acolhida que tive por parte do diretor, Prof. Seno Leonhardt, do diretor administrativo, Prof. Marcelo Blume, e da Profª Ms. Zerta Kupske, Coordenadora do Curso de Pedagogia.

começa a brotar em comunidades evangélico-luteranas, especialmente entre aquelas pessoas que se empenham pela justiça e a liberdade do povo pobre deste país<sup>3</sup>.

É necessário que esclareça desde já o conceito de espiritualidade com o qual trabalhei. Num livro escrito em 1978, meu antigo professor e amigo Hermann Brandt assim definiu espiritualidade, a partir de um diálogo com Gustavo Gutiérrez: espiritualidade é o domínio do Espírito, é uma vivência da fé que abarca a vida integral da pessoa cristã. Diz respeito a uma experiência radical de gratuidade e de vivência do evangelho, movida pelo Espírito Santo de Deus<sup>4</sup>.

Esse pequeno livro tem me acompanhado ao longo de minha trajetória como cristão, missionário entre povos indígenas, pastor e professor de Teologia. Sua inspiração me fez ir adiante. No que segue desenvolvo o tema tendo como contraponto a experiência da poesia brasileira, em especial aquela que faz referência a conteúdos religiosos e de fé.

## I

Nós somos seres do tempo, seres da história.

Mas Deus é antes e depois do tempo. E o acontecimento mais alucinante é que ele não quis permanecer na eternidade. Ele também se fez ser humano. E entrou no tempo. E se fez humano, historicamente situado, datado, fragilizado. Deus e nós. O ser e o tempo. Eternidade e fragilidade. Vida em busca de sentido.

Num tempo sombrio. Num país dominado. Numa terra ocupada. E ainda assim, terra habitada por um povo sofrido, esperançoso, cheio de sutilezas.

Pois bem, a comunidade cristã vive sua fé em meio a esta gente brasileira. Qual é a espiritualidade que a motiva hoje? Ou que a questiona? É disso que pretendo falar com vocês nesta noite.

Peço licença para conduzir vocês por um caminho pouco conhecido e valorizado nas escolas superiores, que é o da poesia. Não há linguagem mais bela, profunda e inspiradora do que a linguagem poética. A Bíblia está cheia dela. É uma pena que tenhamos tanto pudor para lê-la. Infelizmente, puseram em nossos olhos viseiras que nos impedem de beber de suas fontes e conhecer vivencialmente o poder de suas palavras, o frescor de suas águas. Hoje, porém, vou buscar inspiração em outros lugares.

É que, com frequência, visito poetas, mulheres e homens inspirados pelo poder criador das palavras. Começo com um poema de Adélia Prado, conhecida por revolucionar a poesia brasileira com sua erótica cristã.

## Parâmetro

Deus é mais belo que eu.

E não é jovem.

Isto sim, é consolo.

(PR, 382).

Que poema! Breve, límpido, animador. Poesia que liberta jovens e pessoas maduras. Justamente pessoas como nós,

<sup>3</sup> Cf. texto e partitura in *Opovo canta* : cancionero II da Pastoral Popular Luterana, 5. ed., Curitiba, 1997, p. 264s.

<sup>4</sup> Hermann BRANDT, *Espiritualidade* : motivações e critérios, São Leopoldo : Sinodal, 1978, p. 43s.

eternamente preocupadas com o que vai ser de nossas vidas.

## II

Vivemos num tempo vertiginoso, marcado por distintas e entorpecedoras velocidades. Aviões voam mais rápido que o som. A rede mundial de computadores, conhecida como Internet, permite que as informações circulem pelo mundo de forma imediata. O mesmo acontece com o uso dos satélites das redes de TV e rádio.

A velocidade é tamanha que nos sentimos tontos, como se perdêssemos o chão debaixo dos pés. Quem está à margem desse processo parece alguém fora do tempo. É gente fora da história. Excluída. Descartável.

O sistema que hoje domina o mundo é altamente seletivo. Quem não se adapta, fica fora. Torna-se um zero à esquerda. Perde importância. Deixa de interessar até mesmo como número em frias estatísticas. O sistema é cruel na sua ciência e onipotência.

Como país, o Brasil desesperadamente procura se inserir no circuito global. O governo defende a globalização. E faz tudo para adequar o país, a sua política econômica, ao sistema mundial. Vende as estatais a preços vis, segue à risca o programa do Fundo Monetário Internacional, corta gastos com saúde,

educação, moradia, investimentos que seriam essenciais para um projeto de nação livre e soberana<sup>5</sup>.

Que dizer desse projeto? Haverá um caminho alternativo, um outro jeito de nos inserirmos como povo e país no cenário das nações? Sou daqueles que teimam em dizer que sim! E pequenos exemplos que acontecem pelo país afora me confirmam que essa história do pensamento único pregado pelo nova ideologia do sistema mundial das mercadorias é apenas uma das versões para descrever o mundo de hoje<sup>6</sup>. Esta é hoje a ideologia dominante. Como uma idéia, porém, pode ser contestada e transformada pela própria sociedade. Sigamos em frente. Ouçamos mais uma vez Adélia Prado:

## III

### A cicatriz

Estão equivocados os teólogos quando descrevem Deus em seus tratados. Esperai por mim que vou ser apontada como aquela que fez o irreparável. Deus vai nascer de novo para me resgatar. Me mata, Jonathan, com sua faca, me livra do cativeiro do tempo. Quero entender suas unhas, o plano não se fixa, sua cara desaparece. Eu amo o tempo porque amo este inferno, este amor doloroso que precisa do corpo, da proteção de Deus para dizer-se

---

<sup>5</sup> Cf. José Luis FIORI, *Os moedeiros falsos*. Petrópolis : Vozes, 1997. Elio GASPARI, Os números da ruína tucana, *Zero Hora*, Porto Alegre, 13/02/2000, p. 4. Id., A lógica da ruína do andar de baixo, *Zero Hora*, Porto Alegre, 20/02/2000, p. 5. Luis Inácio Lula da SILVA, Distribuir para crescer, *Zero Hora*, Porto Alegre, 20/02/2000, p. 13.

<sup>6</sup> O livro *A opção brasileira*, escrito por vários intelectuais e lideranças políticas do Brasil, oferece exemplos de um caminho alternativo às políticas do governo FHC. Cf. César BENJAMIN et alii, *A opção brasileira*. 3ª reimpressão, Rio de Janeiro : Contraponto, 1998.

nesta tarde infestada de pedestres.  
Ter um corpo é como fazer poemas,  
pisar margem de abismos, eu te amo.  
Seu relógio, incongruente como meus  
sapatos,  
uma cruz gozosa. ó Felix Culpa!  
(PR, 392).

Deus, o tempo e os corpos. Amor. A espiritualidade de que carecemos só se faz plena se souber aliar corpo, tempo e eternidade com o liame do amor. Por isso, posso tranqüilamente afirmar que toda espiritualidade cristã que afoga o corpo, que nega a vida e a paixão de viver, não é de Deus.

Espiritualidade cristã assume a vida, o corpo, a paixão de viver. Ela é um radical grito pelo sentido divino da vida, integralmente: corpo, alma, espírito. A vida é sagrada. A vida humana é dádiva divina e maravilhosa. Por isso, a espiritualidade cristã se compromete com o resgate permanente da dignidade humana, como aponta o tema da Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2000.

#### IV

Como seres do tempo e da história, vivemos em meio a contradições. Honestamente, eu diria: nós mesmos somos contradição ambulante. Dizemos uma coisa. Fazemos outra. Somos pela paz. Mas tecemos armadilhas para a guerra. Aberta ou veladamente. Não importa. É preciso reconhecer isso. Até para recuperarmos um mínimo de saúde e senso de justiça. E compreendermos por que existe a palavra perdão!

Ouçamos um agudo poema do nosso querido e saudoso Mario Quintana, sempre genial em suas visões de solitário poeta:

#### Segundo poema didático

Nós ainda estamos resolvendo os assuntos de Roma,  
nós somos Roma  
e o velho Egito e Nínive e Babilônia...  
E,  
apesar das brincadeiras laboratoriais,  
ainda somos gerados da mesma maneira.  
Nada nasce do ar.  
Os próprios deuses,  
tão diversos,  
são,  
conforme a vez, o tempo, a ocasião,  
as fantasias sucessivamente usadas e  
despidas  
pelo Deus único e verdadeiro.  
Uma divina mascarada? Não!  
Ele não tem a mínima culpa dos costumes.  
Por trás dos disfarces  
– no meio de todos e de tudo –  
sorri, complacientemente,  
o Deus Nu.  
Sorri, sobretudo,  
para o poeta que toca o pandeiro  
a lira  
o pífano  
o violoncelo profundo  
enquanto  
ao pé de todas as cruzes  
soldados jogam aos dados  
os destinos de Roma e do mundo.  
(AHS, p. 81).

Então, os destinos do mundo, o nosso destino comum, o nosso futuro, normalmente são jogados pelos poderosos com dados e soldados. Não tenhamos ilusões. E esse futuro incerto é decidido ao pé de todas as cruzes. A cruz não é apenas sinal do passado. Ela está cravada no tempo, no nosso tempo. E a seus pés nos encontramos. Ela é também cruz

plural, são cruces as que hoje marcam lugares, corpos e épocas. E com elas Cristo se identifica.

Qual será nossa posição diante dessas cruces, ou diante daquela única cruz que nos salva? Pois este que nos salva é o Deus NU que é capaz de sorrir para pobres e poetas, mas sabe dizer também: “Ai de vós, os ricos! porque tendes a vossa consolação. Ai de vós os que estais agora fartos! porque vireis a ter fome. Ai de vós os que agora rides! porque haveis de lamentar e chorar. Ai de vós, quando todos vos louvarem! porque assim procederam seus pais com os falsos profetas” (Lucas 6.24ss.).

## V

Volto a Adélia Prado porque ela me faz lembrar de que o Deus NU é corpo presente, desafiador para nós, seu povo hoje e aqui neste país. E recorro a esse poema porque ele corrói nossas hipocrisias e falsa moral. Ora, espiritualidade cristã não pode confundir-se com moralismo hipócrita ou falsidades de qualquer natureza. A espiritualidade cristã, que remonta à experiência da cruz e, nela, às cruces de nosso tempo, precisa ser corporalmente transparente, apaixonadamente compassiva, misericordiosa, amante dos mais pequenos e fracos, porque sabe-se ela mesma fruto de fraqueza, angústia e dor. Por isso mesmo, se torna cantante, exultando em esperança, pronta a semear novas possibilidades de vida.

Ao poema, pois:

### Festa do corpo de Deus

Como um tumor maduro  
a poesia pulsa dolorosa  
anunciando a paixão:

“Ó crux ave, spes unica  
Ó passiones tempore”.  
Jesus tem um par de nádegas!  
Mais que Javé na montanha  
esta revelação me prostra.  
Ó mistério, mistério,  
suspenso no madeiro  
o corpo humano de Deus.  
É próprio do sexo o ar  
que nos faunos velhos surpreendo,  
em crianças supostamente pervertidas  
e a que chamam dissoluto.  
Nisto consiste o crime,  
em fotografar uma mulher gozando  
e dizer: eis a face do pecado.  
Por séculos e séculos  
os demônios porfiaram  
em nos cegar com este embuste.  
E teu corpo na cruz, suspenso.  
E teu corpo na cruz, sem panos:  
olha para mim.  
Eu te adoro, ó salvador meu  
que apaixonadamente me revelas  
a inocência da carne.  
Expondo-te como um fruto  
nesta árvore de execração  
o que dizes é amor,  
amor do corpo, amor.

(PR, 279).

Como é possível ver amor num corpo torturado e nu? Só mesmo quem ama o torturado e nu e por ele é transformado. Essa pessoa, sim, desvenda o embuste, a mentira, e salva o corpo da execração, da maldição e da tristeza.

Quando Jesus foi conduzido perante o governador romano Pôncio Pilatos, torturado, enfraquecido e caluniado, o representante do poder imperial não encontrou nele crime algum. Mas, rendendo-se às manobras políticas e à conspiração, lavou as mãos e condenou Jesus à cruz. No Getsêmani, o lugar da caveira,

Jesus morreu crucificado ao lado de dois ladrões, sendo assistido de longe por alguns de seus medrosos discípulos e mais de perto por sua mãe e um jovem amigo.

Solitário, abandonado, Jesus entregou-se ao Pai, gritou e disse: “Tudo está consumado!” Como se sabe do testemunho bíblico, foi Deus quem mudou o final dessa história de assassinato, com os fatos inusitados do domingo de Páscoa. É essa surpresa humanamente inverossímil que sustenta até os dias de hoje a comunidade das discípulas e dos discípulos de Jesus mundo afora.

Então, espiritualidade cristã só pode ser uma espiritualidade crítica. Pois ela nasce da crise da cruz. De uma crise radical. Se o cristianismo vive hoje no mundo uma profunda crise, bem-vinda crise porque ela nos aproxima do cerne da fé. A cruz é a crise permanente da vida cristã, diante da qual os argumentos tremem e o coração é sacudido até as entranhas.

A crise é constitutiva da fé e da espiritualidade cristãs. Toda vez que alguém imaginar vencê-la para colocar-se no lugar de Deus, reduziu a fé e a espiritualidade às dimensões humanas e aquietou o Espírito do Ressuscitado. Com isso, acabrunha o Espírito. Manipula Deus. Deixemo-nos, pois, revolucionar pela cruz de Cristo<sup>7</sup>.

A espiritualidade cristã não teme as crises. Ela teme é a preguiça, a desfaçatez, a covardia, a insensibilidade com o sofrimento alheio, o desamor, a impiedade, a omissão, a vilania. A espiritualidade cristã é antes paciente, teimosa, resoluta no caminho da justiça e da paz. Ela não se envaidece, mas reconhece suas

limitações. Ela é sucedânea do amor. Amor em tempos de cólera, de dengue, de febre amarela e de insensibilidades brutais.

## VI

Voltemos a Mario Quintana. Vejam o que ele diz a respeito de

### O Deus vivo

Deus não está no céu. Deus está no fundo do poço onde o deixaram tombar.

– Caim, o que fizeste do teu Deus?!

Suas unhas ensangüentadas arranham em vão as paredes escorregadias.

Deus está no inferno...

É preciso que lhe emprestemos todas as nossas forças

todo o nosso alento

para trazê-lo ao menos à face da terra.

E sentá-lo depois à nossa mesa

e dar-lhe do nosso pão e do nosso vinho, e não deixar que de novo se perca.

Que de novo se perca ... nem que seja no céu!

(AHS, 64).

Tem um texto no Evangelho de Mateus, capítulo 25, que se tornou chave na teologia latino-americana da libertação. Nele Jesus expõe por meio de uma parábola como se dará o julgamento final. O texto é surpreendente porque nele Jesus anuncia a forma de sua presença no período de sua ausência. Quer dizer, se hoje não vemos Jesus em carne e osso, nem por isso ele está distante de nós. Aliás, está bem perto, só que nós não o

<sup>7</sup> Roberto E. ZWETSCH, Cristianismo, crise e cruz, p. 22.

vemos. Porque ele nos parece pobre demais, sujo e faminto demais, esfarrapado e perseguido, um zero à esquerda.

E que ele está no inferno e nós não costumamos nos aproximar do inferno. Preferimos a segurança do céu de nossos sonhos de classe média ao inferno onde está Deus.

No poema a partilha do pão e do vinho é o momento de comungar a presença de Deus. A presença libertadora de Deus. Comida e festa. Partilha de bens e de alegria. Como aconteceu com os discípulos a caminho de Emaús. Deus no meio dessa mesa partilhada com amor e paixão. Compaixão. Antídoto para todos os infernos conhecidos e desconhecidos. *Compassion*, como disse o grande Dalai Lama – líder dos budistas – quando veio ao Brasil.

A espiritualidade cristã é partilha de pão e de vinho, de casa e de bens, de amizade e de conhecimento, de esperanças e de sofrimentos, de sonhos e de buscas, de utopias, enfim. Ela jamais se conforma com a injustiça. Sonha e se arrisca pelas transformações urgentes de que carece a nossa casa comum: a terra *brasilis*. Por isso mesmo, a espiritualidade cristã é ecumênica e ecológica, abrange o todo, terra e céu. Por isso, ela não discrimina diante das diferenças culturais, antes as realça, valoriza, dignifica. Negros, povos indígenas, sem-terra, estrangeiros, mulheres, pessoas idosas, indigentes, pessoas portadoras de deficiência, menores, todas encontram nessa espiritualidade guarida, respeito, amor. Todas recebem dela o Espírito que dá Vida e intercede por nós diante de Deus com gemidos inexprimíveis (Romanos 8.26).

A espiritualidade cristã é caminho de vida. Ela permite uma experiência de Deus que nos convence do seu amor por nós. Somos seres amados. Somos gente perdoada. Somos gente libertada. Isto é obra divina em nós. Por isso temos razões para cantar e dançar diante do Criador, nas ruas e nos templos, nas escolas e nas prisões, na terra e nas alturas infinitas do cosmo.

Essa espiritualidade nos anima ao seguimento do Crucificado. Contra a banalização da vida e a exacerbação do individualismo doentio de nossos dias, ela nos ensina a viver a liberdade das filhas e dos filhos de Deus. E tal experiência é gratuita, amorosa e compromissiva.

Como isso acontece? Há muitas maneiras. Pode ser um encontro com a realidade, pode ser a revelação de um poema, pode ser o amor por uma pessoa amiga ou por uma causa maior. Pode ser o encontro com as pessoas pobres e indefesas. Pode ser um sermão ou prédica. Pode ser até mesmo a solidão. Sempre, porém, ela se dá como expressão do encontro com a Palavra do Deus Vivo. Não só na literalidade do texto bíblico, mas na força do Espírito que a letra revela. Nesse encontro, somos duplamente derrotados, dele saindo, porém e paradoxalmente, vitoriosos. Como naquela luta de Jacó com o anjo de Deus no vau do Jaboque. Lutou, ficou manco, mas saiu vivo! (Gênesis 32.22ss.). A gente luta, perde, mas sai marcado para toda a vida. E a marca é a liberdade de viver na graça de Deus! Que diferença com a luta por sobrevivência no atual sistema capitalista. Aqui não há perdão. A competição é desigual e impiedosa. Poucos ganham, muito poucos<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Cf. artigo de Clóvis ROSSI, No mundo novo, poucos chegam ao pico, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 06/02/2000, (2), p. 9. Um dado apenas: dos 6 bilhões de pessoas do mundo, 3 bilhões sobrevivem



Paulo, o apóstolo, entendeu a fé em Cristo como liberdade. Disse: “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou” (Gálatas 5.1). E completou este pensamento dizendo: “O Senhor é Espírito; e onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade” (2 Coríntios 3.17)<sup>9</sup>.

A característica dessa liberdade cristã é o serviço. Somos livres não para fazer o que quisermos, pois isto não é liberdade. Servir livre e espontaneamente. Servir para criar espaços e experiências de liberdade. Servir como marca da vida comunitária cristã. Mas que fique claro, não confundir serviço com servilismo, com subserviência, com paternalismo ou maternalismo. Pois aí estamos diante de relações desiguais e escravizadoras. O serviço que brota da espiritualidade cristã é o que hoje poderíamos traduzir por cidadania. Cidadão ou cidadã é a pessoa que coopera para o bem de sua cidade e para que a liberdade seja nela uma realização. Portanto, serviço, cidadania e democracia. Como desdobramento da espiritualidade cristã.

## VII

D. Pedro Casaldáliga é bispo católico romano da Prelazia de São Félix do Araguaia, Mato Grosso. E também é poeta. De seus poemas tenho recebido

muita iluminação, como neste dedicado a sua mãe, escrito em língua catalã e depois traduzido ao português:

### O nome novo

Pranto e silêncio e grito,  
é a palavra que me enche agora  
a boca e o espírito.  
Que nunca ainda  
eu havia chegado  
a entender, mãe:  
a li-ber-da-de!

(Com todos os que lutaram e morreram  
por Ela:  
com todos os que a cantaram e a sofreram  
e a sonharam ...  
eu a canto e a sofro  
– e a faço, também, um pouco –,  
a livre Liberdade!

Aquela, quero dizer, mãe, total,  
com que o Cristo nos libertou.)

Se me batizas outra vez, um dia,  
com a água dos soluços e da memória,  
com o fogo da morte e da Glória ...:  
diz a Deus e ao mundo  
que me puseste  
o nome  
de Pedro-Liberdade!

(AR, 189).

---

com até 2 dólares por dia! Ele foi apresentado no encontro anual do Fórum Econômico Mundial, realizado em Davos, Suíça, neste mês de fevereiro de 2000. Outra informação, esta de David Bryer, diretor-executivo da OXFAM, ONG britânica: no século XIX, a renda dos 20% mais ricos era apenas três vezes superior à dos 20% mais pobres. Nos anos 30 deste século passou a ser 30 vezes maior. Hoje, é 74 vezes maior! E nada indica que essa tendência vá se inverter... Isto é, os ricos ficam sempre mais ricos e em menor número (concentração mundial da renda), enquanto os pobres sempre mais pobres e em constante crescimento (expansão e exclusão).

<sup>9</sup> Cf. José COMBLIN, *Vocação para a liberdade*, 2. ed., São Paulo : Paulus, 1998. Jürgen MOLTSMANN, *O Espírito da Vida : uma pneumatologia integral*, trad. Carlos Almeida Pereira, Petrópolis : Vozes, 1999 (especialmente cap. V).

Este poema foi escrito enquanto D. Pedro e alguns de seus amigos da Igreja de São Félix eram processados pela Ditadura Militar por subversão. Por vários dias ele ficou preso em sua própria residência, vigiado como pessoa de alta periculosidade.

Só quem viveu nos limites da institucionalidade, roçando as botas dos soldados a serviço do Poder, disposto a defender o direito dos pobres e vida digna para todos é que sabe o que é temer pela própria liberdade.

A experiência de D. Pedro me remete a um outro poema, este de um pastor evangélico-luterano para quem a luta pela liberdade custou a própria vida. Refiro-me a Dietrich Bonhoeffer, condenado à força pela Gestapo, a polícia de Hitler, pouco antes do término da 2ª Guerra Mundial, no campo de concentração de Floessenburg. Bonhoeffer ficou mais de três anos preso por sua coerência como seguidor de Cristo. Logo que compreendeu aonde levava o regime de Hitler, passou para a oposição. Participou da Igreja Confessante, a igreja dos cristãos alemães que resistiram ao regime nazista. Compactuou com os que queriam acabar com o ditador e a loucura da guerra. Por isso foi preso, mas nunca perdeu a fé e a esperança. Aliás, companheiros seus de prisão testemunharam como ele, apesar de todo o sofrimento, sempre encontrava forças para sorrir com altivez, animar seus colegas de infortúnio e alimentar a chama da esperança nas prisões por onde passou. É dele o poema

## Estações no caminho para a liberdade<sup>10</sup>

### Disciplina

Se partes em busca da liberdade, aprende primeiro  
a ter disciplina para os sentidos e para a alma  
a fim de não seres levado por tuas cobichas, sem rumo,  
de um lado para o outro. Procura ter mente e corpo bem castos,  
sob teu controle e domínio, e sempre obedientes  
a fim de seguirem para onde se encontra a meta.  
Ninguém chegará ao segredo da liberdade, a não ser que  
com perseverança se exercite na sã disciplina.

### Ação

Evita de te prender a fazer coisa qualquer, a não ser o direito,  
faze-o com coragem; não pares no simplesmente possível,  
agarra somente o que é real, e nunca te percas na fuga  
de meras idéias, porque somente na ação se acha a liberdade.  
Abandona o vacilar medroso e enfrenta a tempestade  
do que acontece lá fora, apoiado por Deus e seu mandamento  
no qual sua fé se inspira e, eis, que com júbilo indescritível

<sup>10</sup> Dietrich BONHOEFFER, *Resistência e submissão*, trad. Ernesto J. Bernhoeft, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968, p. 179s. Sobre a influência de Bonhoeffer na América Latina, cf. Nélcio SCHNEIDER, *Sinais da teologia e do testemunho de Dietrich Bonhoeffer na América Latina*, *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 35, n. 3, p. 246-257, 1995.

o teu espírito alcançará liberdade.

## VIII

### Sofrimento

Maravilhosa transformação. As mãos tão fortes, ativas  
tu as tens (agora) amarradas. Impotente,  
na solidão estás vendo  
o fim de toda a tua ação. Mas ainda res-  
piras e pões o direito  
bem calmo e com fé em mãos mais po-  
tentes, bem satisfeito.  
Apenas um instante tocaste, feliz, na li-  
berdade,  
logo a entregaste a Deus, para que Ele  
esplendidamente a aperfeiçoasse.

### Morte

Agora vem, sublime festival no caminho  
para a liberdade eterna.  
Morte, descansa as algemas pesadas e  
as altas muralhas  
de nosso corpo mortal, de nossa alma tão  
iludida  
a fim de podermos ver afinal o que antes  
não permitiram.  
Procuramos-te, liberdade, na disciplina,  
na ação e na dor;  
morrendo, agora, reconhecemos no sem-  
blante de Deus a ti mesma.

A espiritualidade cristã anima o ca-  
minho em busca da liberdade. Hoje em  
dia muita gente morre precocemente em  
nosso país, sobretudo jovens como  
você. Esses não puderam beber um gole  
que fosse dessa liberdade. Morreram  
antes do tempo. Mas nós, os vivos, não  
podemos desistir. E para tanto recebe-  
mos o Espírito de Cristo e o exemplo dos  
que nos precederam e morreram por essa  
fé. Hoje, esses versos nos ensinam a can-  
tar com gratidão um hino à liberdade e  
sair em seu alcance.

Chego ao último poema, este de  
minha autoria, ao estilo dos salmos bí-  
blicos, que consta de meu pequeno livro  
*Vigília – salmos para tempos de incer-  
teza* (p. 45s.). É que espiritualidade cristã  
só subsiste quando se alimenta diutur-  
namente da oração. Da oração contrita e  
alegre. Em horas boas ou ruins. No re-  
cesso do quarto ou em meio à multidão  
nas ruas. No alto de um penhasco ou no  
fundo do abismo. Nos templos e nos  
mosteiros. Na escola, no carro, no ôni-  
bus, em meio ao trabalho, na loja, na  
padaria, ao lado do fogão ou no meio de  
um banho restaurador. Em todos os lu-  
gares uma pessoa de fé ora, clama, can-  
ta e exalta o Criador e Salvador de todos  
nós. Pois em Jesus de Nazaré acabou a  
antiga divisão entre sagrado e profano,  
santo e pecador. É que a partir da novi-  
dade maior do evangelho da água viva,  
chegou a hora definitiva em que os ver-  
dadeiros adoradores de Deus Pai e Mãe  
o adoram em espírito e em verdade. E  
são essas as pessoas que Deus procura  
para seus adoradores e adoradoras (João  
4.23). Por isso mesmo, tal espiritualida-  
de procura a comunhão, o conselho mú-  
tuo e o serviço de amor. Deixemos, pois,  
fluir aquilo que nosso coração, por ve-  
zes, angustiadamente, deseja cantar, mas  
que a razão e a boca em luta conosco  
mesmos procuram travar e desviar.

### “O grande escuro é Deus”

Para Adélia Prado

Um dia abri o livro  
e lá estava escrito:  
“O grande escuro é Deus  
e forceja por nascer da minha carne”.  
Sim, é canto de mulher parideira

poetisa mincira  
solta nos prados  
colhendo as flores  
que o vento semeou.

Grande és tu, meu Deus,  
e escuro como o ébano africano  
que aqui reverencio.  
Desde sempre forcejas  
por nascer em nossas carnes,  
nossas vidas,  
nossos braços, barracos,  
mãos e mentes.

Mas como é difícil  
aceitar-te pobre e frágil,  
sem ter sequer  
uma pedra onde reclinar  
a cabeça cansada  
de peregrino  
ambulante do evangelho  
da alegria maior.

Quem se dispõe  
a parir o céu e a terra?  
O mar, a distância febril?  
O novo canto da vida?  
O grito do pobre oprimido?  
A dor da nova esperança?  
A luz no fim do túnel?

Recolho cacos de vida  
nas minhas andanças descalças  
e de pedaço a pedaço  
vai se formando um desenho  
que nem eu imaginava  
nos mais lúcidos sonhos ignotos.

Forjador do mundo novo,  
do escuro nasce o claro,  
céu aberto se espalhando  
na vigília dessa hora  
de amor e gratuidade.

Sim, meu Deus, tu és como  
o ferreiro que malha o ferro  
da minha vida querida.  
Saberei suportar o teu malho?

Resumindo: somos seres do tempo  
e da história. E Deus é antes e depois do  
tempo. Mas entrou no tempo, fragilizando-  
se como ser humano igual a nós. Essa  
presença divina no meio de nós revela o  
sistema do mundo, as muitas dominações  
e exclusões. Nisso, revela também nos-  
sas próprias contradições, as cicatrizes  
do tempo que marcam nossos corpos  
mortais, nossos desejos, sonhos, ilusões  
e utopias.

Deus, o tempo e os nossos corpos.  
Deus nasce sempre de novo para nos res-  
gatar. A vida humana como ela é: con-  
traditória, mas sagrada, divina e mara-  
vilhosa. Por isso, quis mostrar aqui que  
a espiritualidade cristã é apaixonada pela  
vida. Ela é um radical grito que se junta  
ao grito de Deus pelo sentido da vida.  
Que mistério profundo!

Tal espiritualidade vive do amor e  
do perdão de Deus. Ela desafia a nós e  
aos poderosos que jogam nosso destino  
aos pés da cruz. Por isso mesmo, como  
fruto maduro da cruz-crise ela é crítica  
de todos os poderes que escravizam e que  
se baseiam na injustiça. Ela é espiritua-  
lidade aberta, corajosa, compassiva. Pois  
se alimenta da misericórdia divina. Do  
amor maior. Com-paixão!

Ela não se confunde com falsos  
moralismos. É capaz de amar um corpo  
nu pendido de um madeiro ignominioso  
e covarde. Ela vive do Espírito do Res-  
suscitado que iluminou um domingo de  
Páscoa há muito tempo e a partir do qual  
o rumo da história mudou radicalmente.

A espiritualidade cristã não foge do  
inferno, mas passa por ele como única  
maneira de chegar à mesa em torno da  
qual compartilhamos pão e vinho na pre-  
sença libertadora do próprio Deus. Por  
isso mesmo, é espiritualidade solidária  
com gente pobre e indefesa e não nega o  
outro, mas constrói com ele um mundo

humano e fraterno, no qual a justiça é como um beijo de amor e amizade.

A espiritualidade cristã é vivência livre e libertada de quem conheceu a liberdade para a qual Cristo nos libertou, como escreveu Paulo, o apóstolo. Essa liberdade se torna, hoje, serviço, disposição voluntária para exercer com maturidade a nossa cidadania. O exercício da cidadania é outra forma de mani-

festar a comunitariedade da vivência espiritual da fé.

Espiritualidade cristã, finalmente, recebe sua força da oração permanente. Essa oração não tem fronteiras, lugar ou hora preferidas. Ela se dá e se faz na vertigem do tempo, em qualquer lugar onde pessoas se abrem para o encontro com a Verdade de nossas vidas, de nosso mundo e da nossa história comum.

## Bibliografia

- BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão*. Trad. Ernesto J. Bernhoeft. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1968.
- CASALDÁLIGA, Pedro. *Antologia retirante*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1978.
- PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo : Siciliano, 1991.
- QUINTANA, Mario. *Apontamentos de história sobrenatural*. 4. ed. Rio de Janeiro : Globo, 1987.
- SALGADO, Sebastião. *Terra*. São Paulo : Cia. das Letras, 1997. Reproduzi as fotos das páginas 21, 59, 91 e 107.
- ZWETSCH, Roberto E. *Vigília – salmos para tempos de incerteza*. São Leopoldo : Sinodal, 1994.
- . Cristianismo, crise e cruz. *Zero Hora*, 23/01/2000, p. 22.

Roberto E. Zwetsch  
Escola Superior de Teologia  
Caixa Postal 14  
93001-970 São Leopoldo – RS